

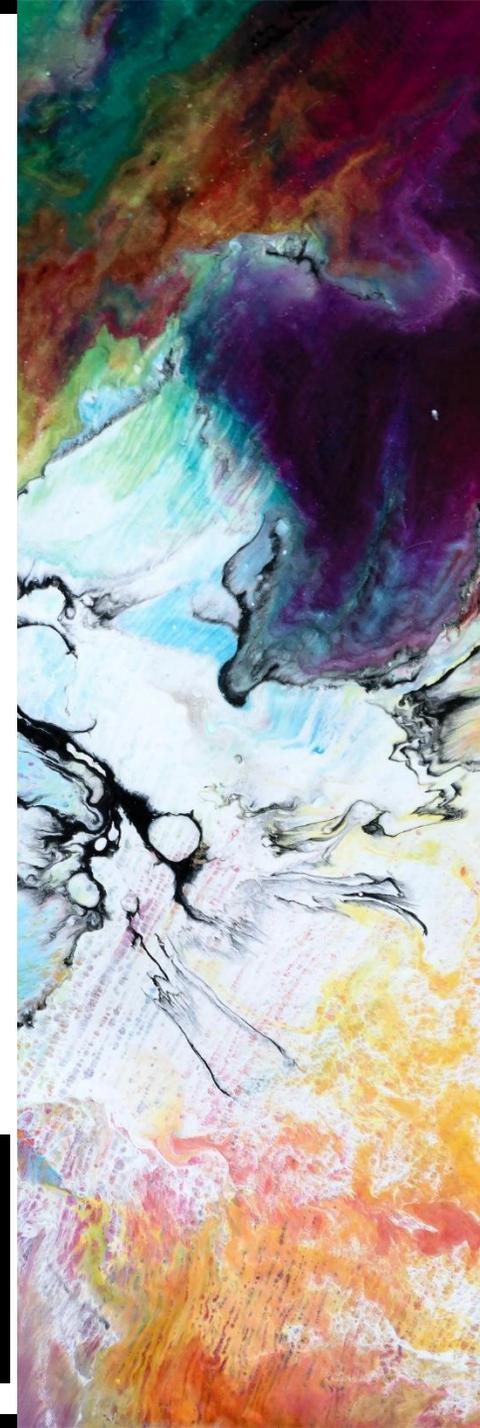


# SÃO JOÃO DA CRUZ

ENAMORADO DE JESUS CRISTO

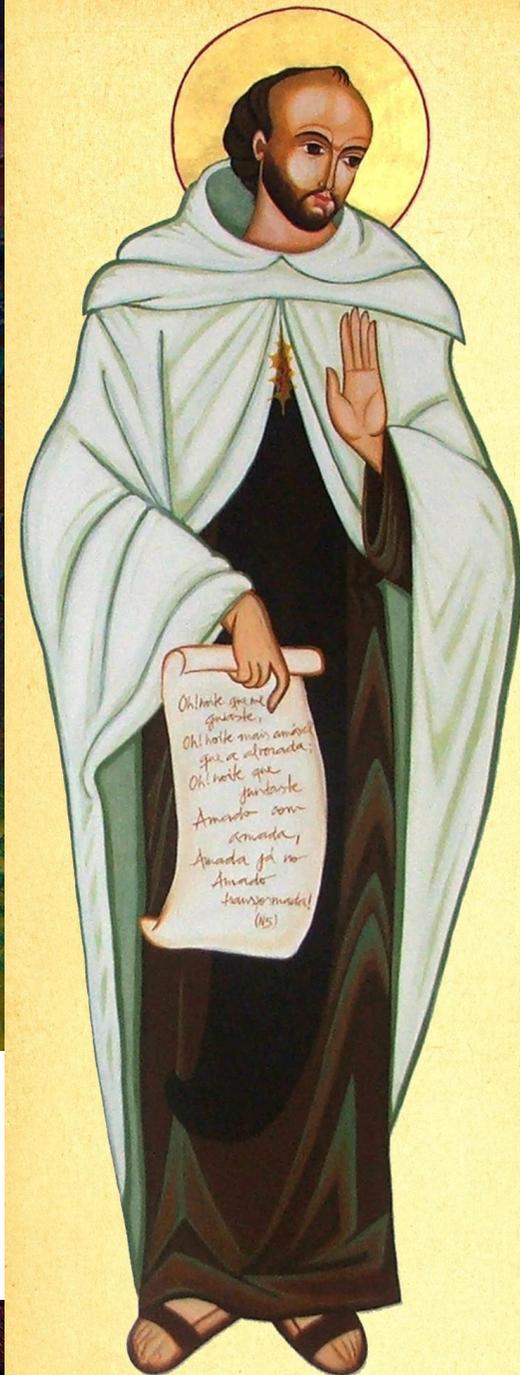
*António José Gomes Machado, OCDS*

*Carmelo Secular do Porto*



# SÃO JOÃO DA CRUZ

***VIDA E OBRA***



Oh! não te queiras  
queiras,  
Oh! não te queiras  
queiras,  
Oh! não te queiras  
queiras,  
Amado com  
amada,  
Amada por  
Amado  
Amado  
(15)

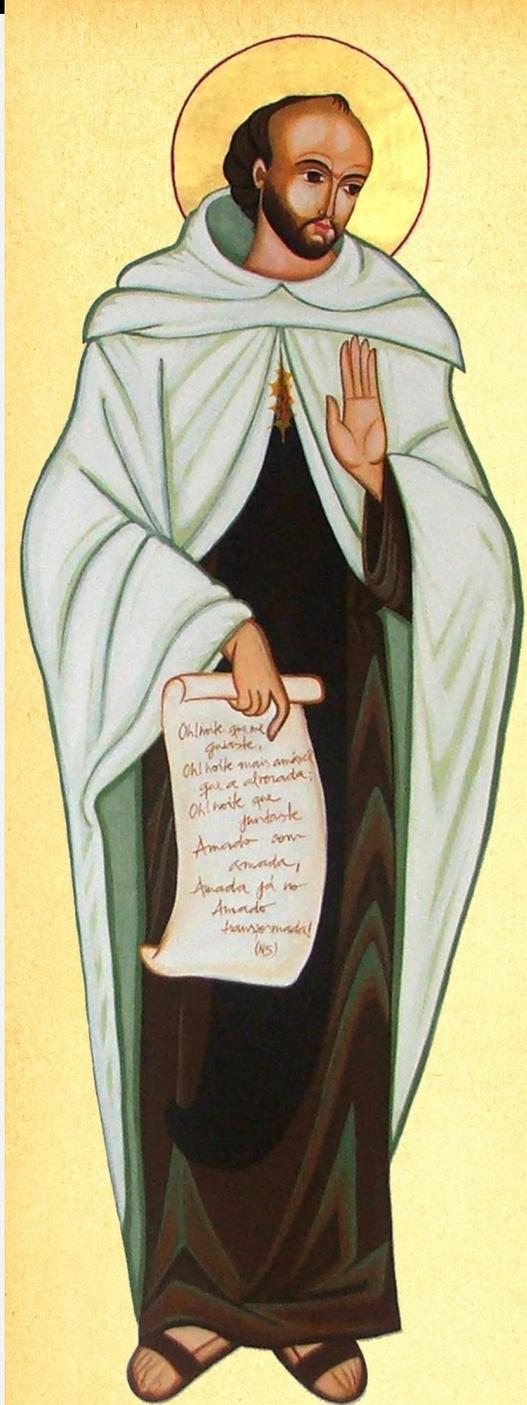
João de Yepes nasceu em Fontiveros (Ávila) em 1542. Filho de Gonzalo de Yepes e de Catarina Alvarez, foi o mais novo de três irmãos: Francisco, Luís e João.

O seu pai era descendente de uma família nobre, mas foi deserdado ao ter casado com uma mulher de condição social inferior. Catarina era tecedeira, pobre mas muito virtuosa e de carácter singular. Gonzalo, sem o apoio da família, que entretanto cortara relações com ele, dedicou-se, igualmente, ao ofício da esposa. Os dois constituíram um lar pobre mas feliz, onde reinava muito amor.

Pouco tempo depois de João ter nascido, morreram o seu pai e o seu irmão Luís.

Se a situação económica daquela família não era boa, agravou-se ainda mais. Catarina com os seus dois filhos mudou-se para Arévalo onde permaneceram três anos.

Em 1551, Catarina, os filhos e a nora mudaram-se para Medina del Campo, à procura de melhores condições de vida, pois na época era um importante centro de comércio em Espanha. Aqui, em Medina del Campo, João viveu treze anos.



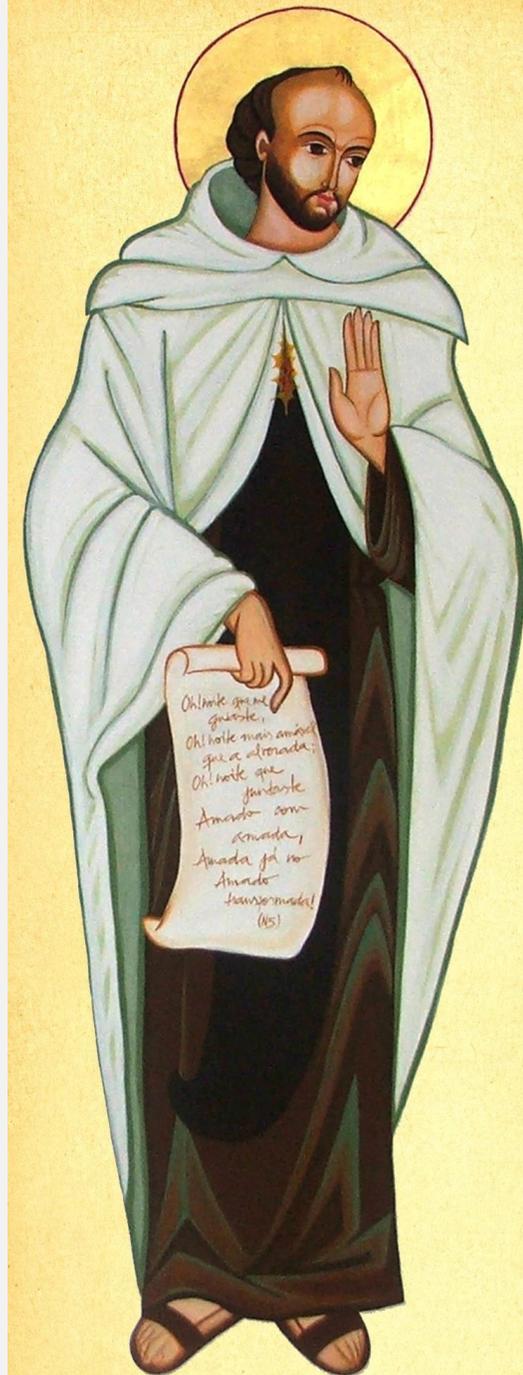
Matriculado no Colégio dos Jesuítas, aí recebeu a sua formação humanística. Para além do estudo, para o qual revelava extraordinárias apetências, João foi crescendo na piedade religiosa. Foi acólito, e por amor aos doentes, pedia esmola e ajudava num dos hospitais da cidade.

Aos 21 anos entrou no noviciado dos Carmelitas e recebeu o nome de Frei João de S. Matias. O Carmelo na sua essência contemplativa e mariana atraía o jovem frade. Fez a sua profissão religiosa no ano seguinte.

Entre 1564 e 1568 estudou Filosofia e Teologia na Universidade de Salamanca, tendo-se revelado um excelente aluno, não passando despercebido pela sua inteligência e piedade.

Foi ordenado sacerdote em 1567. Entretanto, Frei João sentia-se insatisfeito com o ambiente e o modo de viver no Carmelo, tão relaxado e distante da sua vertente contemplativo-eremítica. A sua ânsia de Deus e duma vida austera, retirada do mundo, silenciosa e de oração contínua, levaram-no a pensar em mudar-se para a Cartuxa.

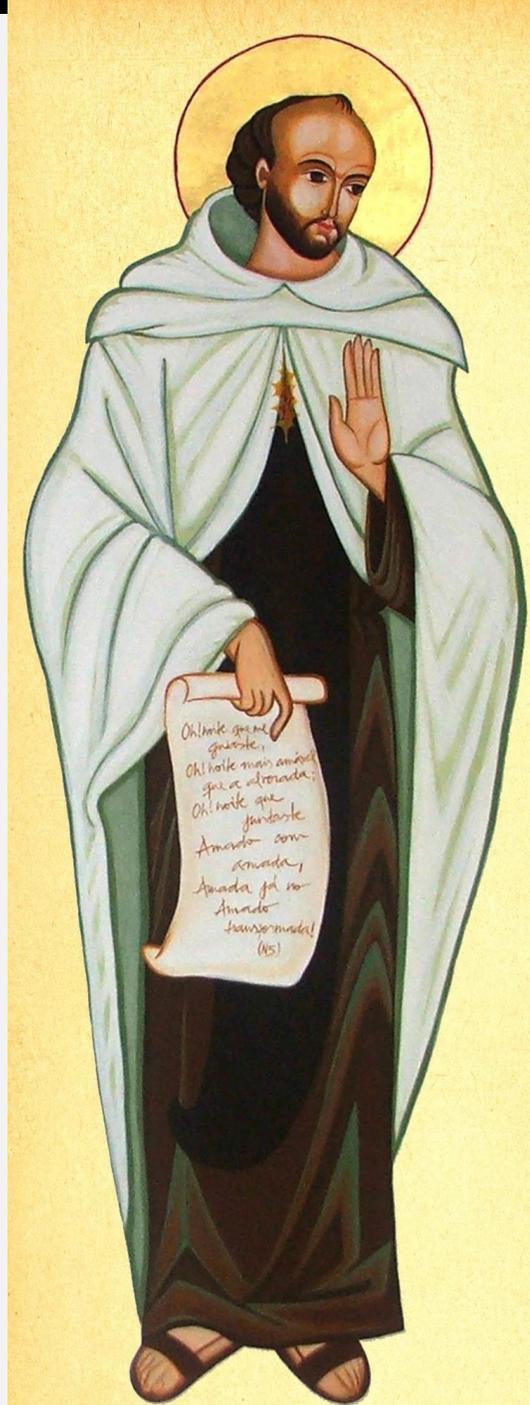
No verão de 1567, estando em Medina del Campo para cantar a sua primeira missa, encontrou-se com Santa Teresa de Jesus, a Madre reformadora do Carmelo.



A Santa Madre estava ali, na fundação do segundo mosteiro de Carmelitas Descalças, da reforma que iniciara, em Ávila, cinco anos atrás.

Neste encontro providencial a Madre Teresa incentivou-o a não sair da Ordem, mas a ajudá-la a estender a reforma ao Carmelo masculino. A reforma tinha como objetivo voltar às fontes, viver a Regra primitiva sem mitigações à semelhança dos primeiros eremitas do Monte Carmelo, onde o silêncio, a oração, a austeridade de vida e penitência se aliavam a uma moderada atividade pastoral. Em suma, pretendia-se restaurar o ideal contemplativo da Ordem. Santa Teresa tinha conseguido realizar este projeto com as monjas, agora queria estendê-la aos frades. Frei João reencontrou, nesta proposta da Madre Teresa, o sentido da sua vocação carmelitana e a possibilidade de viver o seu ideal contemplativo. Por isso, aceitou ser o seu colaborador na reforma do Carmelo masculino.

Em 28 de Novembro de 1568, numa pobre casa no lugarejo de Duruelo, Frei João, juntamente com Frei António de Jesus e outro companheiro, deu início à vida reformada teresiana entre os religiosos, fundando assim o primeiro convento de Carmelitas Descalços, depois de ter recebido o novo hábito das mãos de Santa Teresa.



Como sinal da nova vida que se iniciara, o Frei João de S. Matias mudou o nome para Frei João da Cruz.

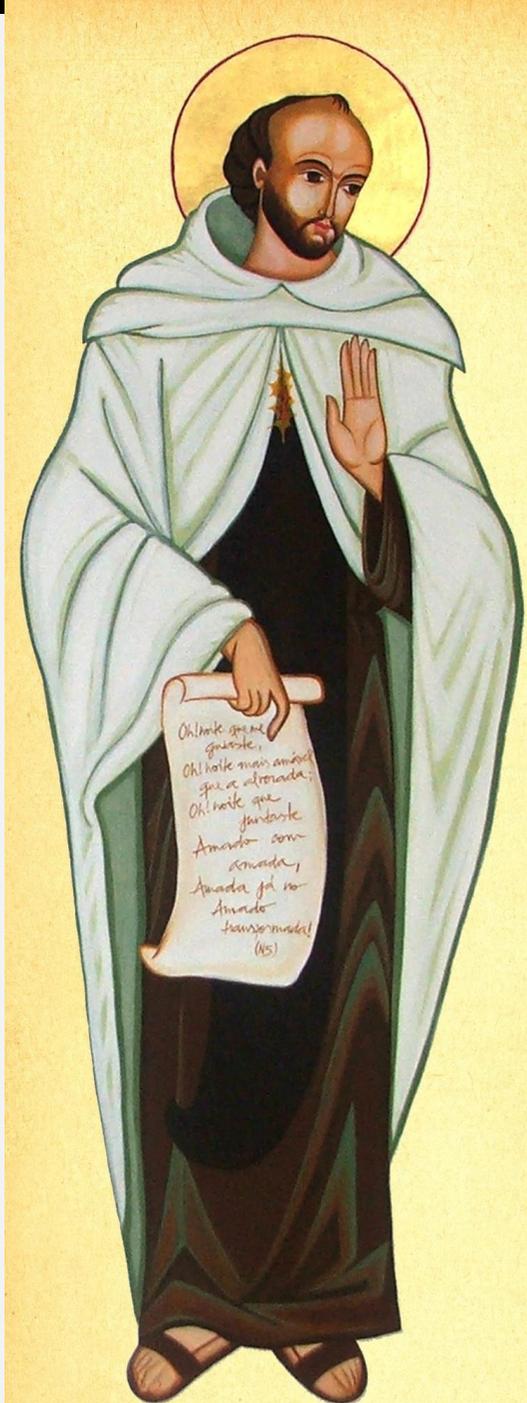
A vida no pobre convento de Duruelo edificava todos os visitantes. Dada a falta de condições, a fundação transferiu-se dois anos mais tarde para Mancera de Abajo. As vocações, entretanto, começaram a crescer extraordinariamente e teve início uma sucessão de novas fundações.

Frei João da Cruz a par da sua vida de oração dedicava-se essencialmente à direção espiritual.

Fundador, prior e mestre de noviços, assim foi decorrendo a vida deste homem enamorado de Jesus Cristo.

O êxito da reforma do Carmelo e do apostolado de Frei João da Cruz atraiu a inveja e a incompreensão dos frades do Carmelo Calçado (designação para os carmelitas da antiga observância).

Encontrando-se em Ávila, a pedido de Santa Teresa, e tendo como principal atividade pastoral a direção espiritual das monjas do Convento da Encarnação, Frei João foi sequestrado pelos frades Calçados e levado para o convento de Toledo. Aqui esteve preso durante nove meses, sujeito a humilhações, maus tratos e inúmeras privações.



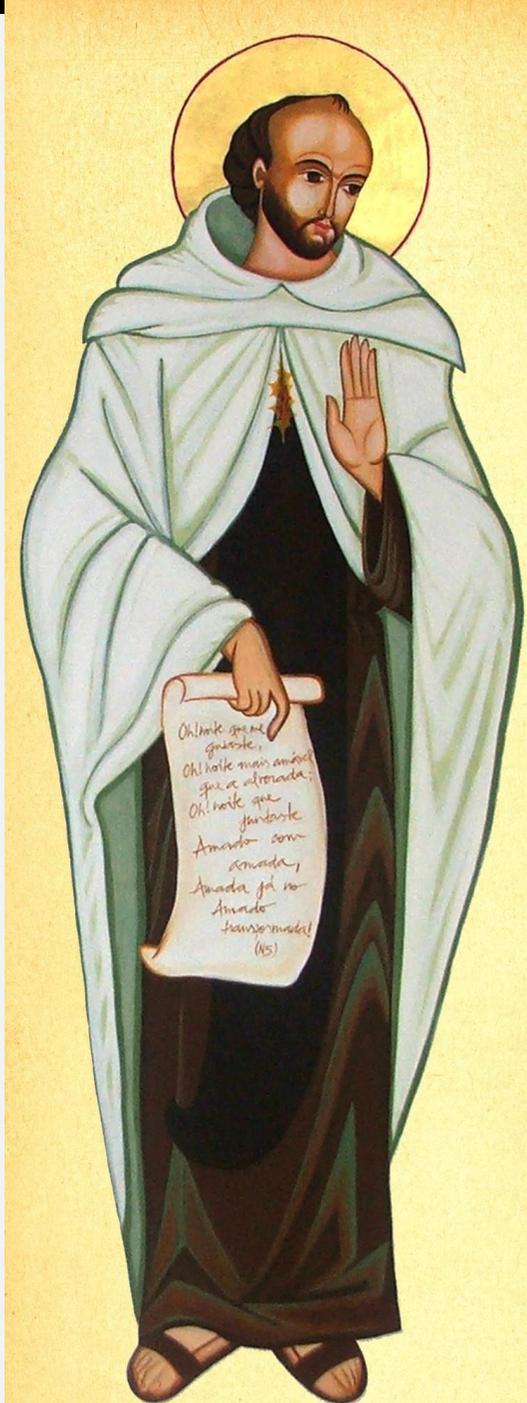
Os frades queriam que ele se arrependesse, renunciasse à reforma e voltasse ao Carmelo onde tinha vivido. Para eles, os descalços tinham provocado um cisma e eram considerados rebeldes. Frei João manteve-se firme: ele não podia ser infiel ao projeto de Deus e à sua vocação.

No período em que viveu no cárcere de Toledo, amadureceu na vida espiritual e mística. Na prisão escreveu os seus mais belos poemas: o *Romance*, a *Fonte* e o *Cântico Espiritual*.

Em Agosto de 1578 conseguiu fugir e mudou-se para a Andaluzia. Nesse mesmo ano participou no Capítulo Geral dos Descalços.

No ano de 1581, no Capítulo de Alcalá, foi conhecida a decisão do Papa: a separação jurídica dos Descalços em relação aos Calçados. O Carmelo Descalço tornou-se, assim, numa Ordem independente do Carmelo Calçado.

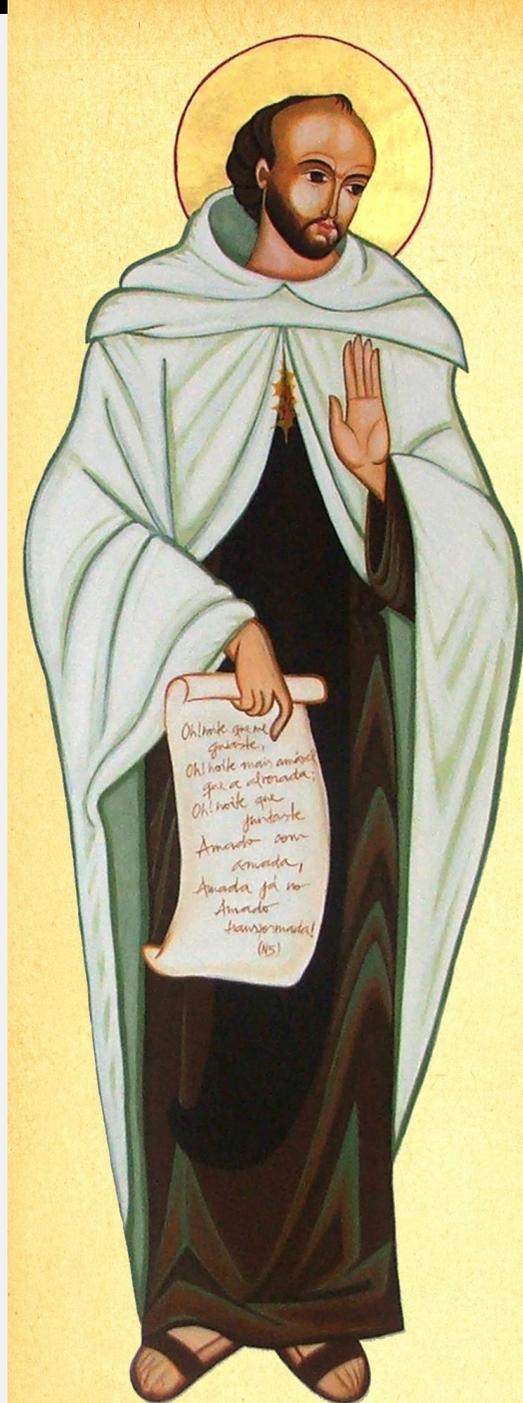
Em 1590, não calando o seu descontentamento, começaram a surgir conflitos devido à sua objeção face a determinadas decisões tomadas contra o Frei Graciano da Mãe de Deus (um ilustre religioso por quem Santa Teresa tinha grande estima) e as monjas. Por outro lado ele começou a opor-se a um certo relaxamento e orientações de um apostolado mais ativo que, entretanto, começou a surgir na Ordem, por imposição do novo Geral.





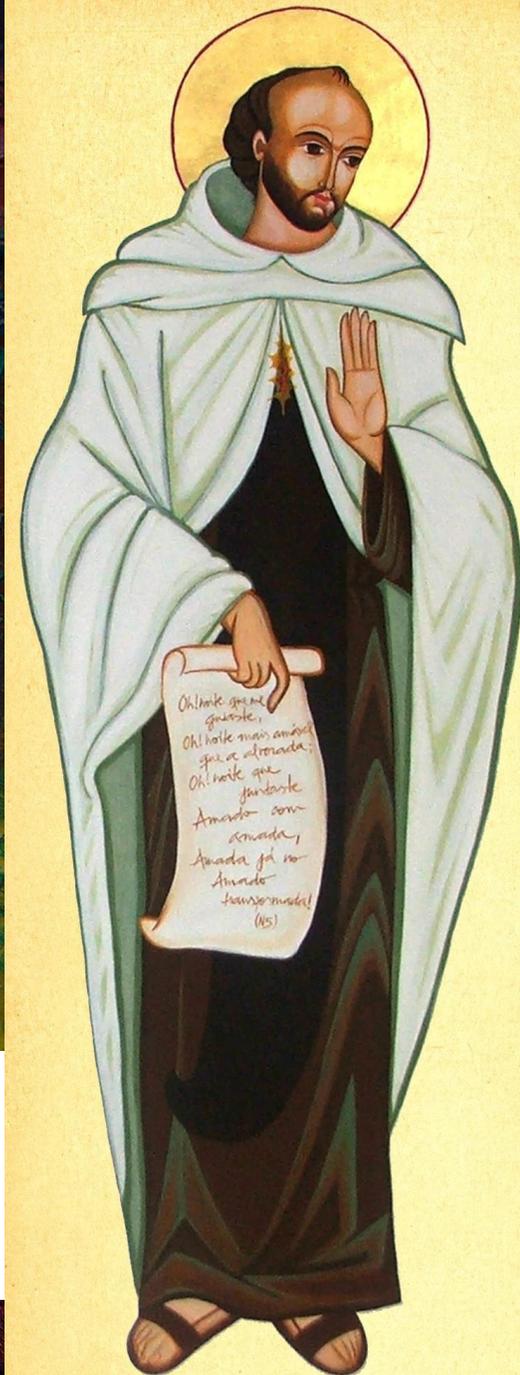
A vida deste «*homem celestial e divino*» (assim se referia a ele Santa Teresa de Jesus) é duma riqueza sem limites.

Poeta, místico, homem de oração, enamorado de Deus, São João da Cruz, é um testemunho vivo da necessidade do ser humano buscar em primeiro lugar o amor de Deus e por ele ser transformado, pois no «*entardecer da vida seremos julgados pelo amor.*» (DLA 57)



# SÃO JOÃO DA CRUZ

***POETA E  
ESCRITOR***



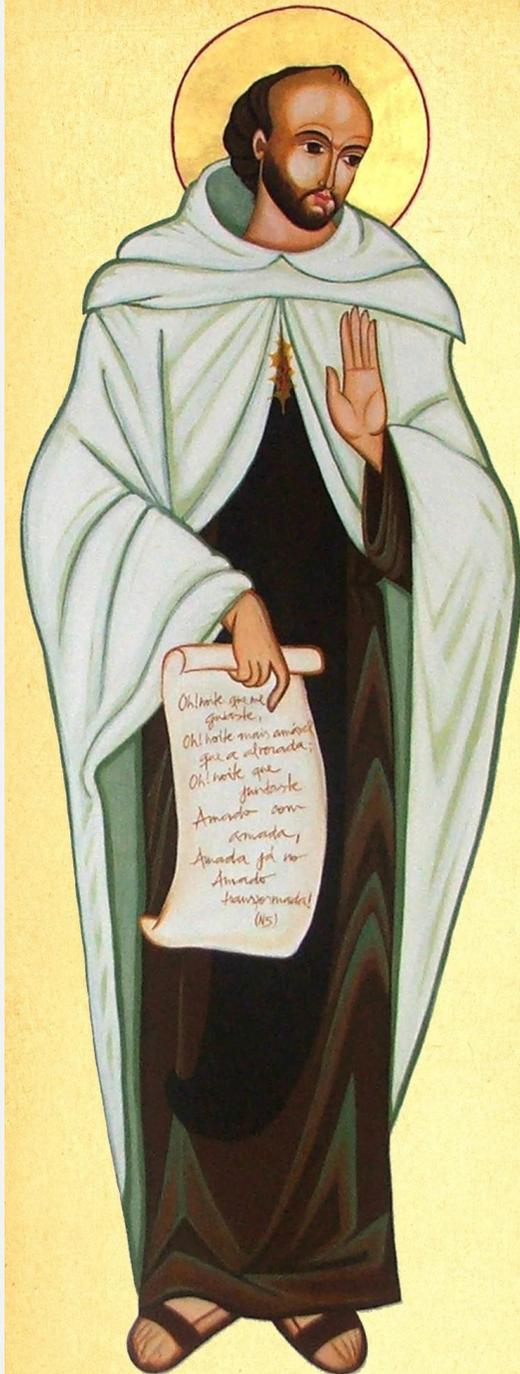
Doutor da Igreja, São João da Cruz foi grande escritor da mística cristã e um poeta sublime.

Dada a riqueza doutrinal dos seus escritos somos levados a pensar em São João da Cruz como um “escritor profissional” em que a escrita ocupava um lugar importante nas suas atividades. Mas não é assim. Só escrevia nos tempos livres, depois de cumpridas todas as suas obrigações religiosas, comunitárias e apostólicas.

A escrita começou na prisão de Toledo, como uma necessidade de exprimir a sua experiência amorosa de comunhão com Deus, no meio das maiores privações e provações. A experiência mística foi de tal maneira intensa que só o símbolo e a poesia eram capazes de traduzir o que lhe ia na alma, expressando o amor que lhe invadia e ardia no coração.

A obra escrita de São João da Cruz não é muito extensa e algumas das suas obras ficaram incompletas.

Os grandes admiradores da sua escrita não eram os seus superiores mas os leigos e as religiosas. E foram estes que, através de uma pressão eficaz, conseguiram fazer com que escrevesse.



Podemos dividir as suas Obras em duas secções: os *Escritos Breves* e as *Obras Maiores* distribuídos da seguinte maneira:

Escritos Breves:

**Poesias**

**Ditos de Luz e amor**

**Cautelas**

**Avisos a um religioso**

**Graus de Perfeição**

**Cartas**

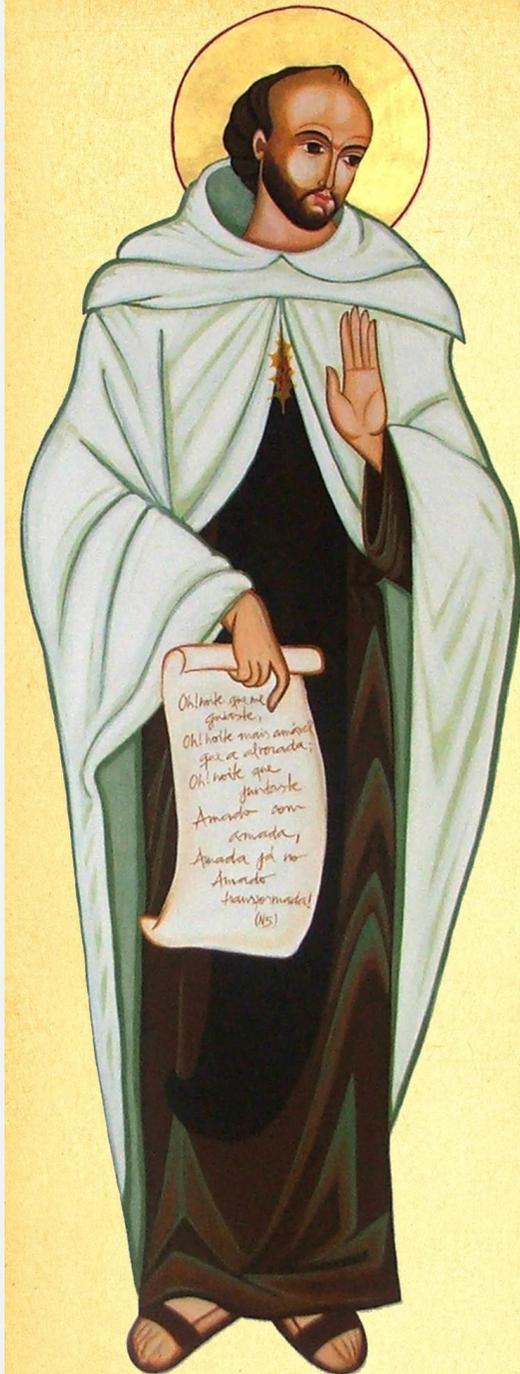
Obras Maiores:

**Subida do Monte Carmelo**

**Noite Escura**

**Cântico Espiritual**

**Chama de amor viva**



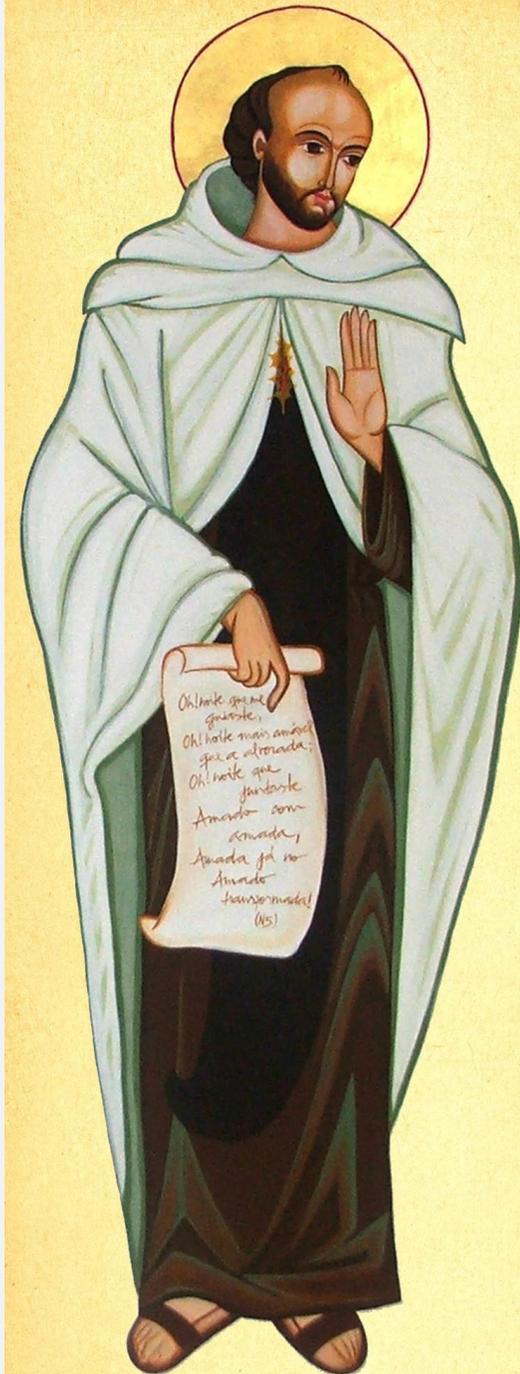
Os *Escritos Breves* são uma denominação convencional que agrupa um conjunto de escritos de carácter pedagógico e doutrinal. Neles incluímos as sentenças e escritos curtos do Santo (onde se exprime espontaneamente, na sua faceta de diretor espiritual); as poesias (base e compêndio da sua obra mística) e a correspondência que dos dá um retrato muito fiel da sua humanidade e santidade. Encontramos aqui o poeta, o mistagogo e o asceta que aconselha e propõe caminhos a partir da sua própria experiência.

*«Na tribulação recorre imediatamente a Deus com toda a confiança e serás fortalecido, iluminado e ensinado.*

*Na consolação e na alegria recorre imediatamente a Deus com temor e verdade, e não serás enganado nem envolvido pela vaidade.» (DLA 65 e 66)*

*«Deus, para se enamorar da alma, não olha à sua grandeza, mas à grandeza da sua humildade.» (DLA 102)*

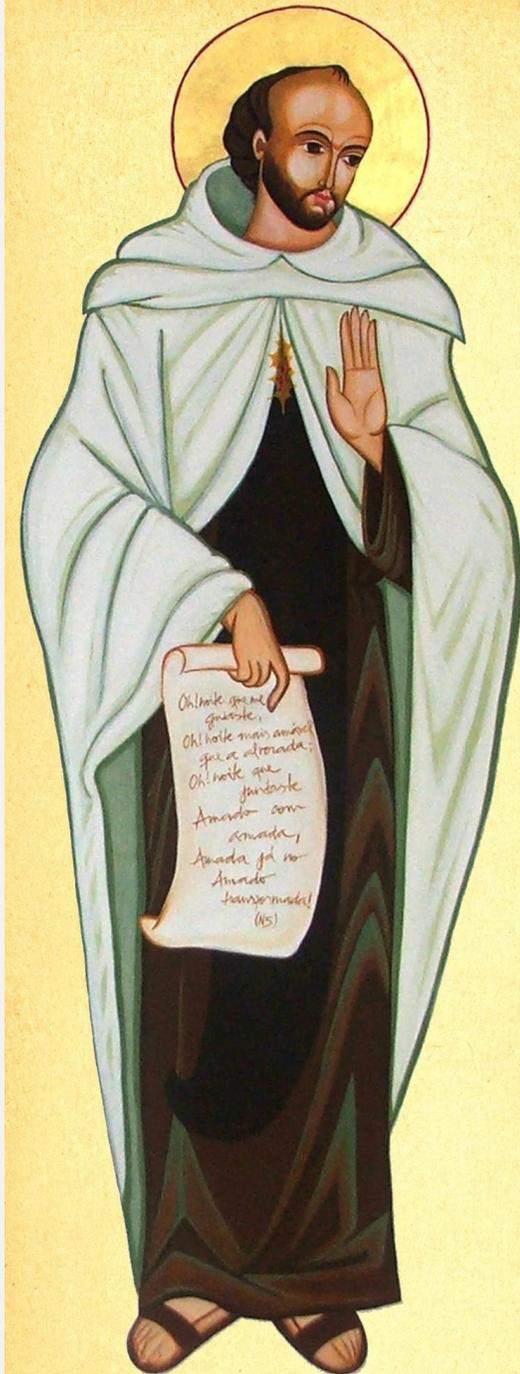
*«A alma que caminha no amor, não cansa nem se cansa.» (DLA 96)*



O livro da *Subida do Monte Carmelo* é uma grande obra teológica e antropológica que parte do desenho do Monte da Perfeição ou Monte Carmelo feito por São João da Cruz e que evoca o esforço humano (“Subida”) de quem deseja seguir Jesus no caminho que conduz à santidade, mediante a resposta ao Deus que se revela (“Monte”, o lugar privilegiado da teofania) e que oferece a Sua salvação através do Seu Filho morto e ressuscitado (“Carmelo”). Esta obra desenvolve o pensamento ascético-místico do Santo Doutor.

O poema *Noite Escura* foi composto depois do autor ter fugido do cárcere de Toledo. Posteriormente escreveu o respetivo comentário. Esta obra revela a experiência, o simbolismo, a doutrina, a profundidade e a originalidade de São João da Cruz. A noite escura prepara os sentidos para serem assumidos pelo espírito, e o espírito para se abrir à ação de Deus donde vem a cura e a salvação para o Homem. Esta Obra tornou-se fundamental para teologia mística e um clássico sobre o tema.

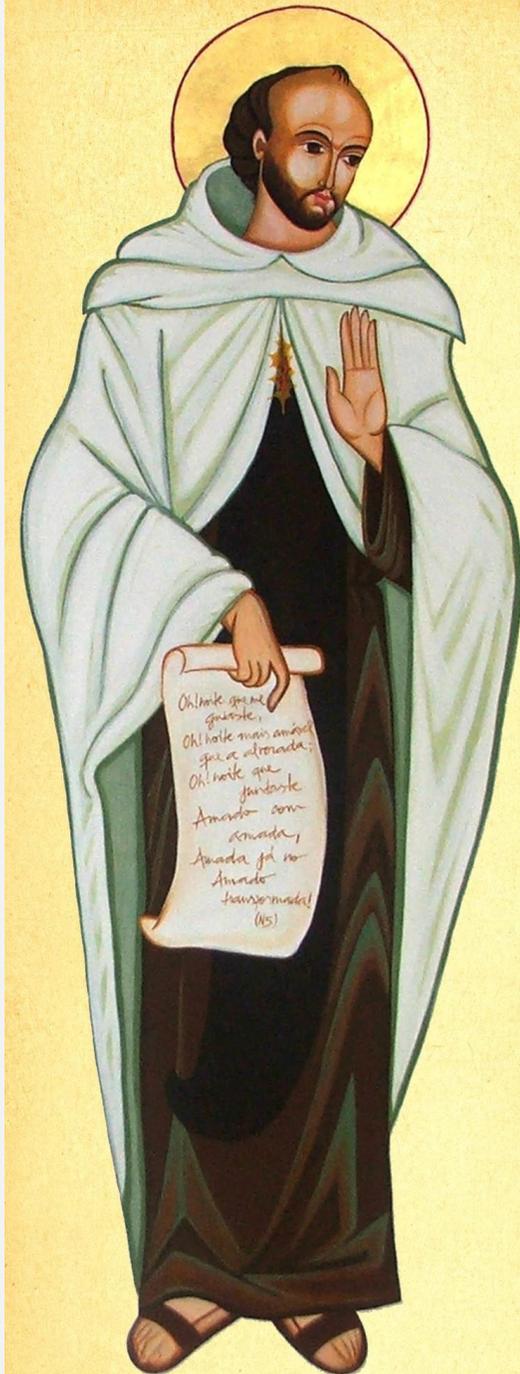
As duas obras, *Subida do Monte Carmelo* e *Noite Escura* formam um só conjunto, são duas partes dum único plano.



O *Cântico Espiritual* é a obra predileta de São João da Cruz e reflete a sua própria alma. O amor é o tema desta Obra que é uma autêntica pérola da mística cristã. Amor vivido, sentido e rezado. É um poema e oração da alma enamorada por Deus que é todo Amor. No seu conjunto o *Cântico Espiritual* constitui a autobiografia espiritual do autor.

A *Chama de amor viva* é a sua última obra. Com a mestria de mistagogo, São João da Cruz aprofundou neste escrito o mistério da união divina, a experiência mística em que fala da atuação das Pessoas divinas na substância da alma e da transformação da alma em Deus. A *Chama* é o símbolo do amor que acende e alimenta toda esta experiência mística.

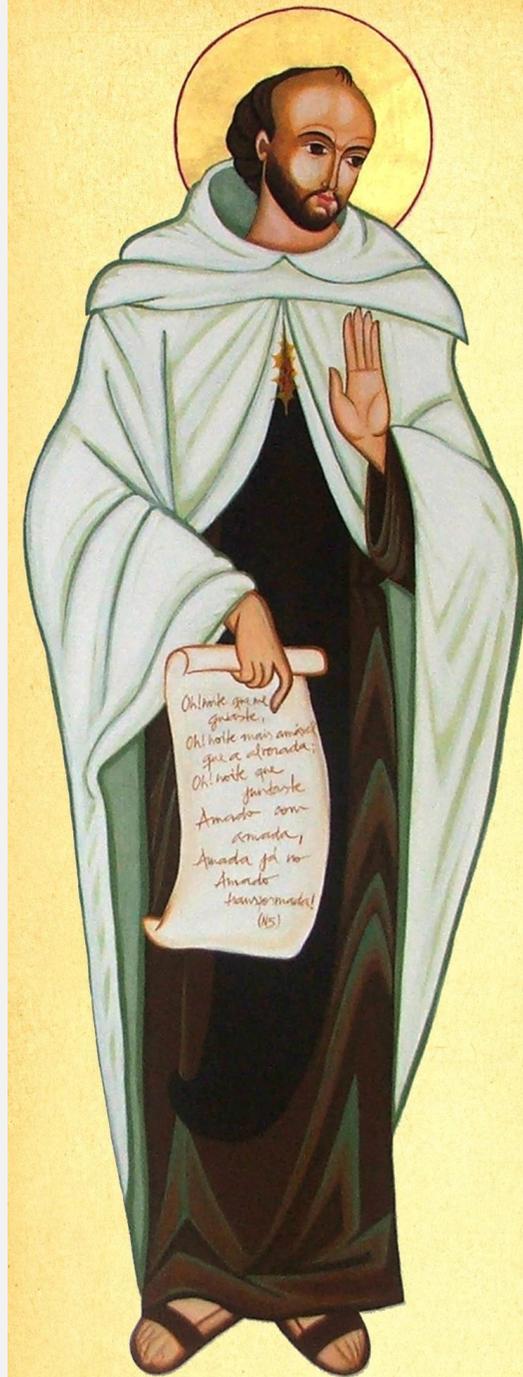
Teólogo e místico, São João da Cruz revelou-se um escritor e poeta extraordinário, onde a experiência e a pedagogia caminham a par, tornando-se num dos autores espirituais mais lidos por cristãos e não cristãos.





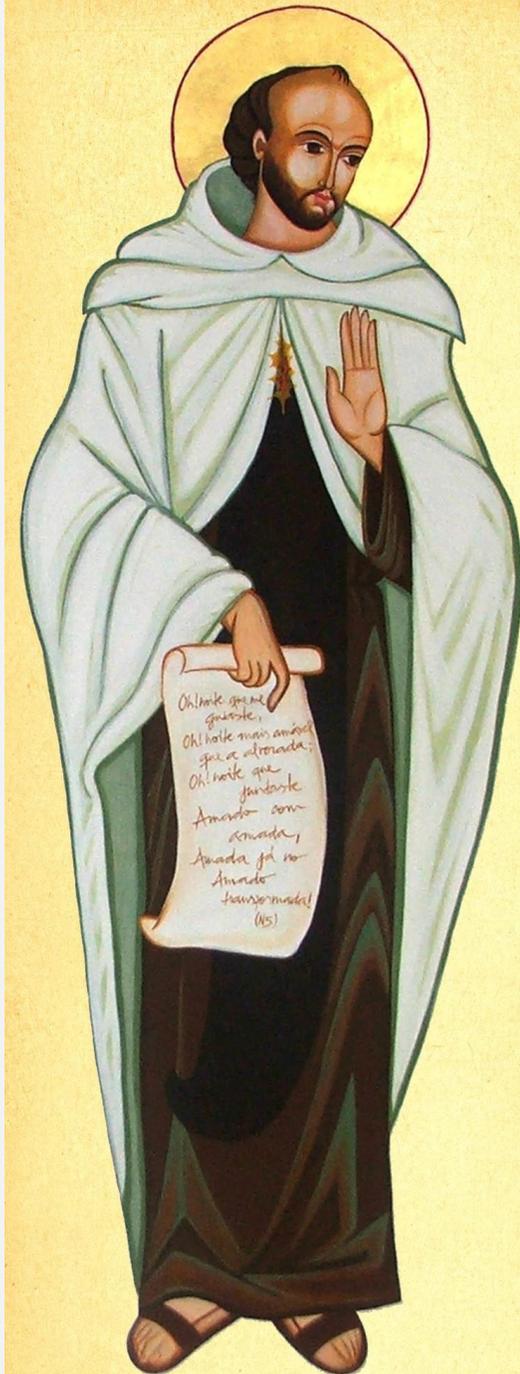
São João da Cruz desde o início da sua vocação religiosa sentiu uma grande atração pela vida contemplativa. Homem orante, místico e poeta rezava a vida e vivia o que rezava. Enamorado de Deus, sentia uma necessidade extrema de deixar o coração falar do amor que lhe invadia. A oração era esse encontro de amor. Frei João era um contemplativo e a partir da sua experiência tornou-se num mestre de oração. Ele foi-o de facto, enquanto diretor espiritual, mas hoje continua a sê-lo através da sua doutrina e dos seus escritos.

Para aqueles que buscam uma vida de união com Deus, São João da Cruz aponta a oração como o sentido único do caminho a percorrer. A oração traz todos os bens espirituais e ajuda nas necessidades temporais. «*Quem foge da oração, de todo o bem foge.*» (DLA 180) A oração é assim uma exigência na vida espiritual. Não se pode crescer na intimidade com Deus, nem progredir espiritualmente sem a oração. A fidelidade à oração é uma condição essencial, mesmo nos momentos difíceis. «*Nunca falte à oração. Persevere nela, sobretudo quando sente aridez e dificuldades, porque Deus muitas vezes quer ver o que existe na sua alma, e isso não se prova com a facilidade e o gosto.*» (GP 9)



A oração traz sempre a resposta de Deus, mesmo quando esta parece impercetível à nossa razão. O segredo é confiarmos n'Ele, pedir o Seu auxílio e esperar na Sua misericórdia. **«Na tribulação recorre imediatamente a Deus com toda a confiança e serás fortalecido, iluminado e ensinado.»** (DLA 65)

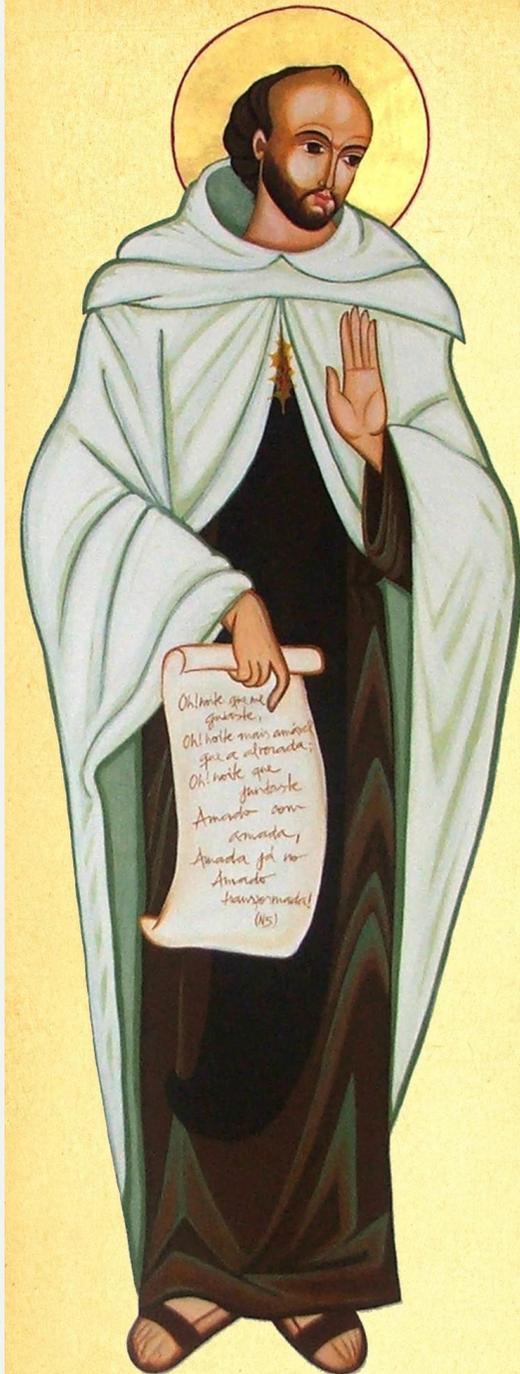
Muitas atividades, apostolados e serviços, por muito úteis e santos que sejam, se não estiverem enraizados na oração correm o risco de esterilidade. A oração é o suporte de todas as atividades. Escreveu São João da Cruz no *Cântico Espiritual*: **«Os que são muito ativos e julgam abranger o mundo inteiro com as suas pregações e obras exteriores, advirtam, aqui, que fariam muito mais proveito à Igreja e agradariam muito mais a Deus se, para além do bom exemplo que dariam, gastassem pelo menos metade desse tempo para estar com Deus em oração...»** (C 29, 3) Com isto não se pretende dizer que não são importantes as boas obras, mas que tudo deve partir de Deus e para Deus, e uma forma de o conseguir é através da oração. A oração não consiste tanto no que dizemos ou fazemos, pois **«Deus só repara na fé e pureza de coração de quem ora.»** (3 S 39,2)



Ajuda muito ao orante desejar e esforçar-se por permanecer sempre na presença de Deus no meio das mais variadas ocupações. Isto permitirá uma sintonia espiritual com o Senhor e Criador, exercitando-se no amor e encontrando luz para fazer o bem. *«Considera a Deus como o esposo e o amigo que te acompanha sempre, e, assim, não pecarás, saberás amar, e conhecerás a prosperidade das coisas que necessitas.»* (DLA 67)

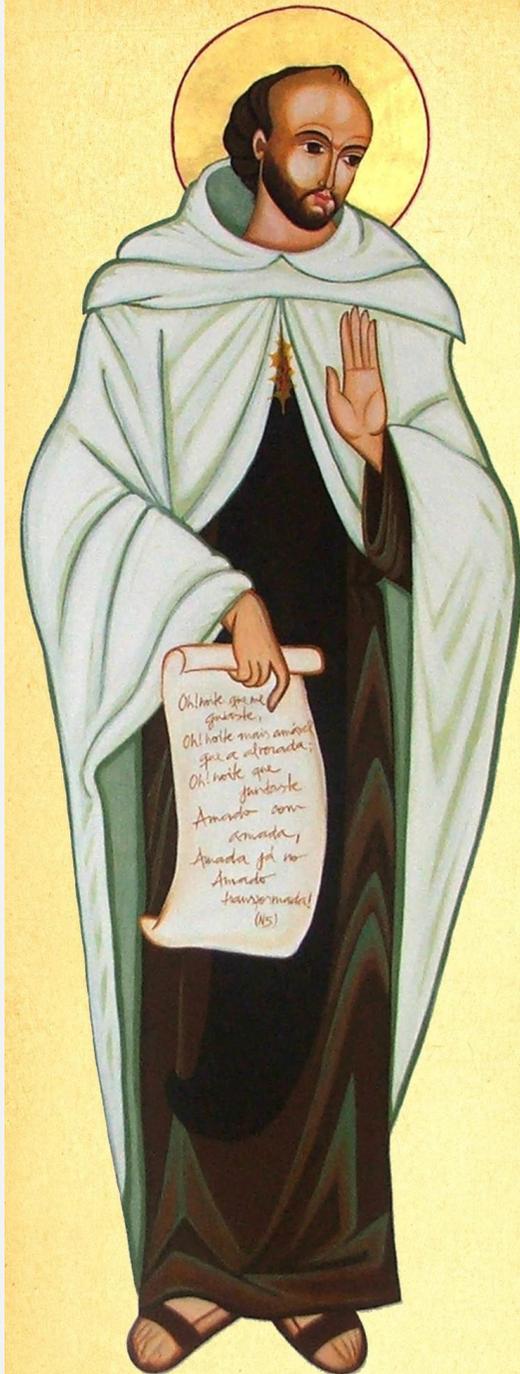
A oração sanjoanista é essencialmente a “oração da alma enamorada”. A alma que ama de veras a Deus e que não tem outro desejo senão o de mergulhar nesse amor infinito que Ele oferece à humanidade.

Em primeiro lugar torna-se necessário o reconhecimento das próprias misérias, da santidade de Deus e confiar n’Ele e na sua acção purificadora: *«Senhor Deus, Amado da minha alma! Se ainda Vos recordais dos meus pecados para não me fazeres o que Vos tenho andado a pedir, fazei neles, meu Deus, a Vossa vontade, pois é o que eu mais quero; fazei sentir a Vossa bondade e misericórdia e neles sereis conhecido.»* (DLA 26)



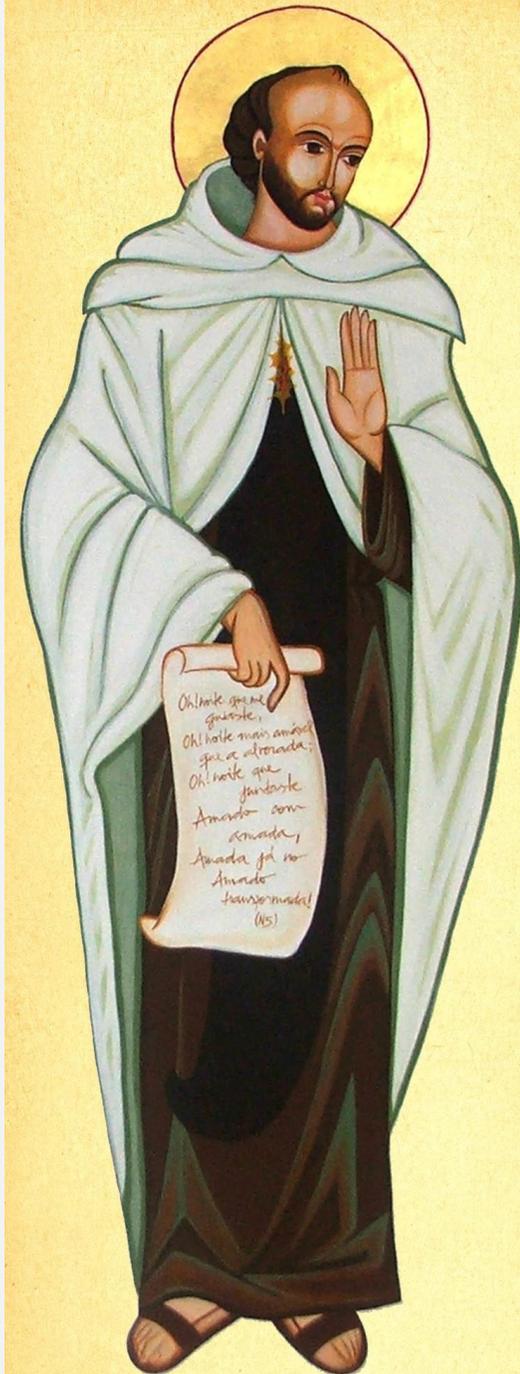
O abandono e a confiança da alma em Deus permitirá deixar-se moldar por Ele e assim aperfeiçoar-se no Seu amor: *«E se estais à espera das minhas obras para atenderdes o meu pedido, dai-mas Vós e realizai-as por mim. [...] Quem se poderá livrar destes modos e baixos termos se não sois Vós, meu Deus, a erguê-lo para Vós em pureza de amor? Como se elevará até Vós o homem gerado e criado em baixezas, se não sois Vós, Senhor, a deitar-lhe a mão com que o fizestes?»* (DLA 26)

O centro da oração é sempre Jesus Cristo. O orante enamorado está seguro de que Deus não lhe tirará o dom imenso que lhe fez na pessoa de Jesus. *«Meu Deus, não me ireis roubar o que me destes um dia no vosso único Filho, Jesus Cristo, no qual me destes tudo quanto quero; por isso, espero e confio em que não tardarás.»* (DLA 26)



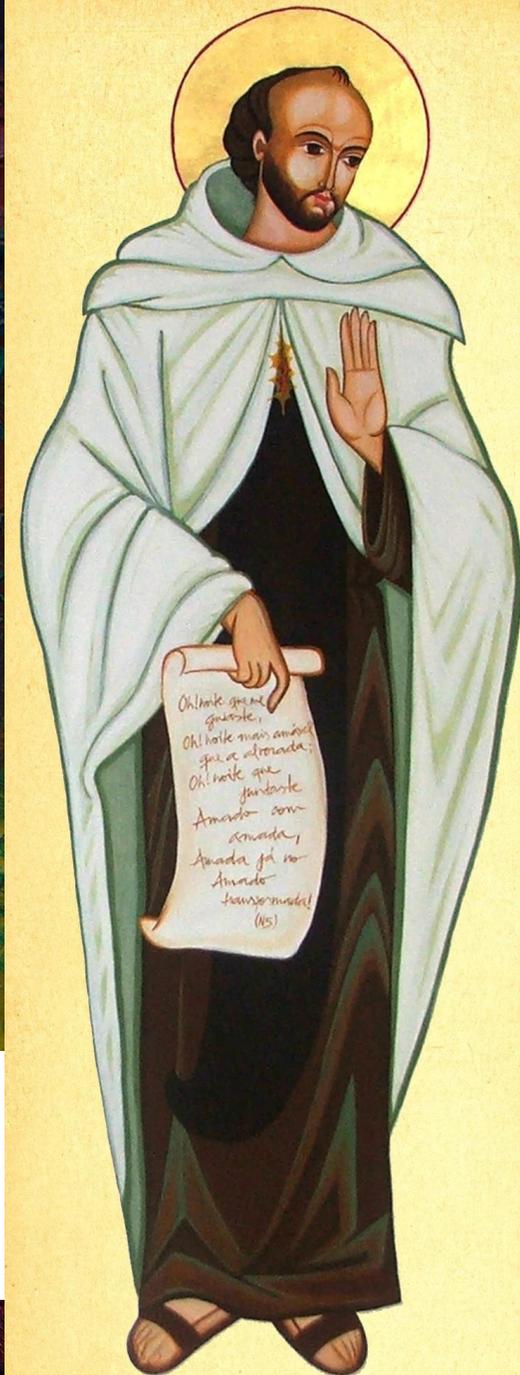
Por último, o fim da oração é glorificar a Deus e gloriar-se da Sua glória vendo em tudo a presença deste Deus amoroso e através de tudo chegar até Ele: *«Os céus são meus e a terra é minha. Os povos são meus; meus são os justos e os pecadores. Os anjos são meus, a Mãe de Deus é minha, e minhas são todas as coisas. O próprio Deus é meu e para mim, porque Cristo é meu e todo para mim. Então, que pedes e procuras alma minha? Tudo isto é teu e para ti. Não te rebaixes nem olhes às migalhas que caem da mesa do teu Pai. Sai para fora e gloria-te na tua glória; esconde-te nela e goza, pois alcançarás o que o teu coração deseja.»* (DLA 26)

Com São João da Cruz aprendemos que a oração é um exercício de amor, da alma enamorada, uma *«música calada»* (C 15) escutada harmoniosamente na *«solidão sonora»* (ibidem) da intimidade com Deus. Na medida em que buscarmos esta união chegaremos a saborear este Deus que é Amor.



# SÃO JOÃO DA CRUZ

*O POETA E  
CANTOR DO  
AMOR*

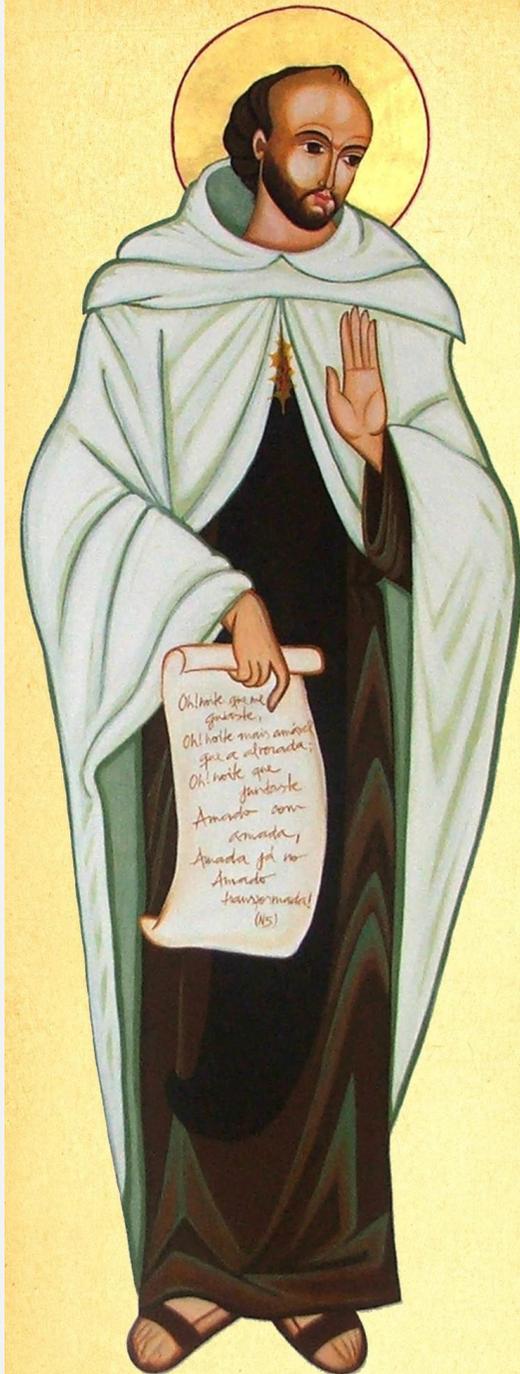


Exímio poeta e escritor, São João da Cruz deixou-nos no *Cântico Espiritual*, uma obra belíssima onde canta e reza o Amor, que é Deus, que encarnou e se derrama no coração do Homem.

É com esta obra que ele começa a sua atividade literária na prisão de Toledo. Na solidão do cárcere, privado de tudo João da Cruz faz a experiência do *Tudo* que é Deus, e é de tal forma forte nele a presença do amor divino que este transborda do seu coração e da sua alma. O resultado é esta obra maravilhosa em verso que canta o amor.

Mais tarde escreveu o comentário a estas estrofes a partir da sua experiência pessoal, fundamentado nas Sagradas Escrituras. O poeta dá então lugar ao teólogo e ao mistagogo.

O *Cântico Espiritual* é um *Cântico de Amor*. Nele é contada e cantada uma longa história de amor entre dois enamorados, a esposa (alma) e o Esposo (Deus). Começa com a busca ansiosa da esposa, continua com a ação do Esposo e a comunhão permanente e recíproca dos dois enamorados até à consumação da união plena com Deus.

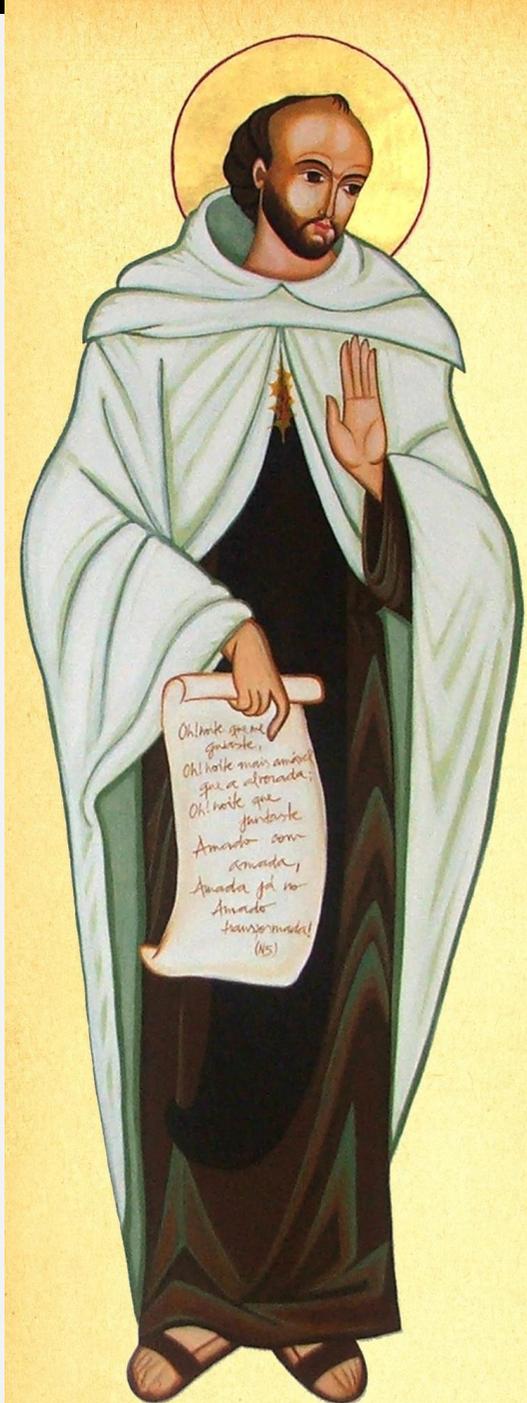


Esta obra é também, um livro de oração. Nas suas páginas encontramos abundantes conselhos para a vida interior e para a oração que mais não é senão uma busca incessante para encontrar o Amado e Esposo da alma que é o Senhor.

A alma sedenta de amor busca Deus com desejos de O encontrar. No entanto, esta busca torna-se por vezes longa e difícil porque não sabemos como o fazer.

Não é necessário buscá-Lo longe. Não são necessários muitos esforços. O Deus Uno-Trino está em nós: **«o Verbo, o Filho de Deus, juntamente com o Pai e o Espírito Santo, está escondido, essencial e presencialmente, no ser mais íntimo da alma.»** (C 1, 6)

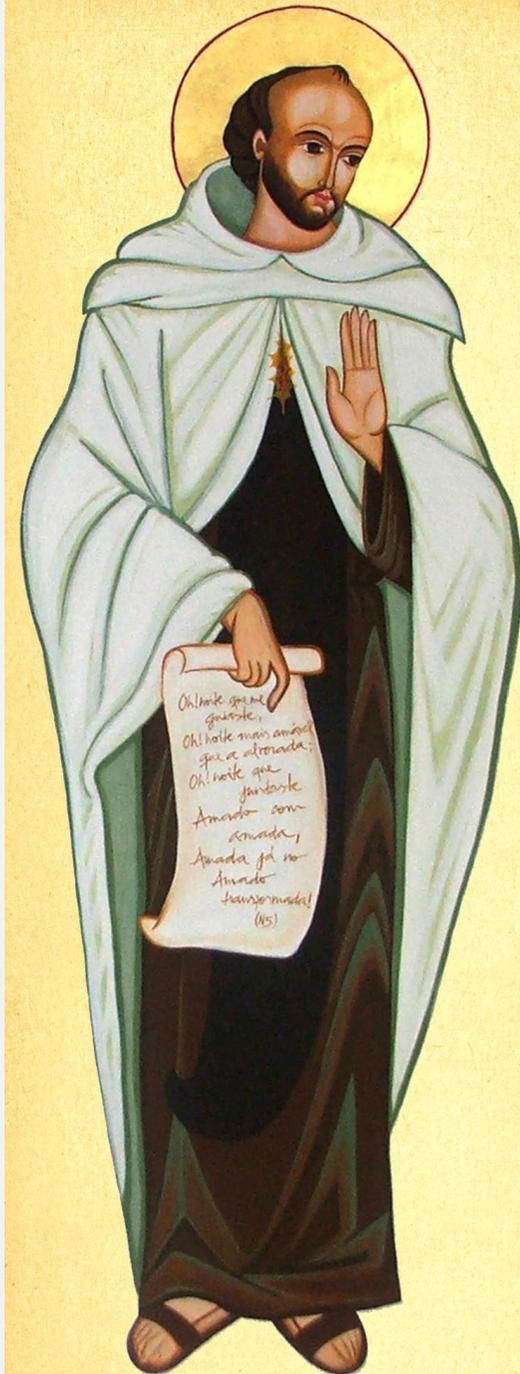
Esta presença divina na alma é um ato admirável do amor deste Deus que humilha a Sua majestade e divindade para se ocultar na nossa humanidade. Ele está escondido na alma, o **«apartamento onde Ele mora, o refúgio e o esconderijo onde Se oculta.»** (C 1, 7)



Para O encontrar, S. João da Cruz diz que o necessário é *«abandonar tudo, quer no afeto quer na vontade, e recolher-se ao máximo dentro de si mesma, vivendo como se as coisas não existissem. Portanto, Deus está escondido na alma. É ali que o bom contemplativo O há-de procurar com amor, dizendo: Aonde Te escondeste?»* (C 1, 6)

Da nossa parte temos apenas que ter em conta que *«o caminho para procurar a Deus consiste em fazer o bem em Deus e mortificar o mal em si.»* (C 3, 4) Deus age em nós se colaboramos com Ele deixando-O trabalhar na nossa alma numa ação conjunta. A *«alma, sozinha e sem a ajuda de Deus, não pode praticar nem adquirir as virtudes, nem Deus as realiza sozinho na alma sem ela.»* (C 30, 6)

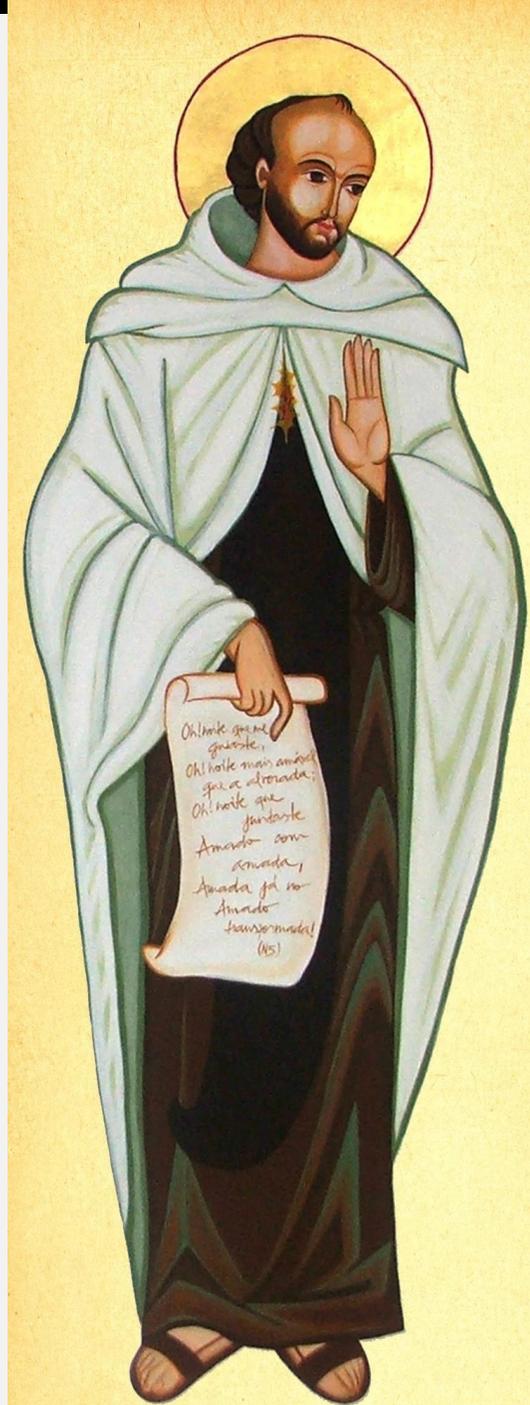
O amor é o que nos deve mover e impulsionar neste caminho que não é outro que a oração. Viver e confiar no amor é uma exigência, pois *«de Deus não se alcança nada a não ser por amor.»* (C 1, 13)



E como é natural na relação amorosa, «*quanto mais a alma conhece a Deus tanto mais lhe cresce o desejo e a dor de O ver.*» (C 6, 2) Assim, a oração para além de ser via de comunhão com Deus é uma necessidade de amor. Rezar é amar e o «*amor de Deus é a saúde da alma.*» (C 11, 11)

A oração consiste em abrir a nossa alma à ação divina para escutar as melodias da «*música calada*», na «*solidão sonora*» deste encontro especial e assim participarmos na «*ceia que recreia e enamora*» que o Esposo divino da alma nos oferece (cf. C 15).

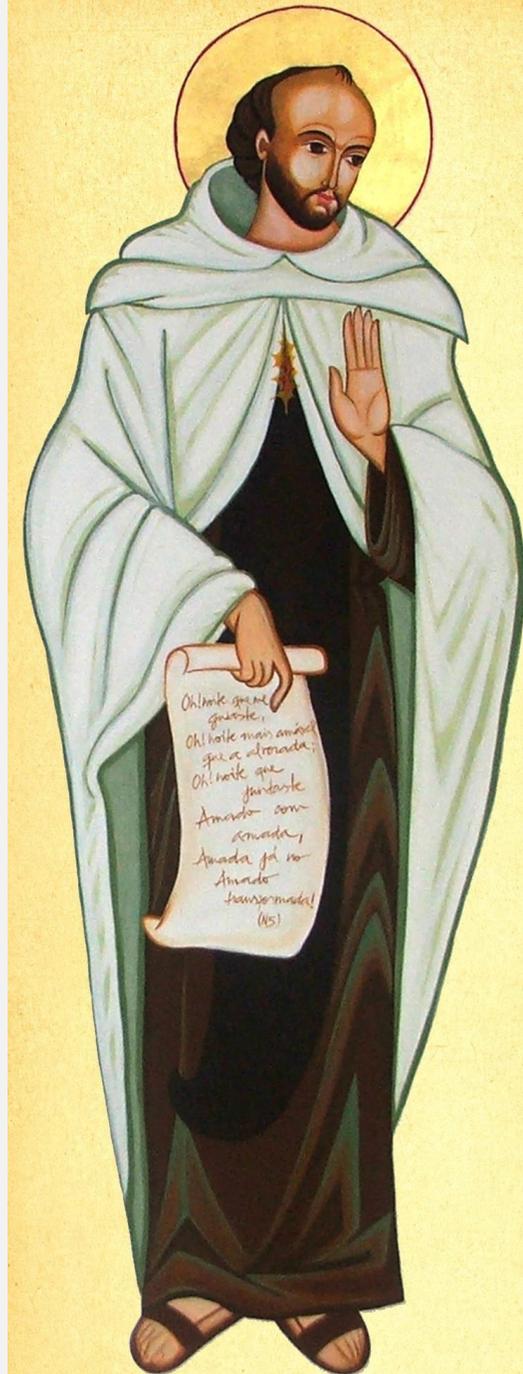
Mas este percurso não é isento de sofrimentos. Os orantes debatem-se com uma série de dificuldades: a aridez, a secura, as distrações, a aparente inutilidade da vida contemplativa, o pecado, a noite escura. É importante ter consciência de todas estas dificuldades, saber que são próprias dos que oram e inerentes à nossa condição humana para não nos deixarmos sucumbir mas ultrapassá-las.



As dificuldades da oração ultrapassam-se rezando. O que há fazer «*é impedir a secura, fechando-lhe a porta por meio da oração contínua e da devoção [...] invocar o Espírito Santo, como Aquele que há-de afugentar esta secura da alma, e manter e aumentar nela o amor do Esposo, exercitando-a interiormente nas virtudes.*» (C 17, 2)

Importa muito, saber que a oração é amar e deixar-se amar por Deus para que, nesse diálogo fecundo e nessa contemplação, possamos descobrir que o «*olhar de Deus é amar e fazer mercês*» (C 19, 6) e assim podermo-nos embriagar das torrentes de graça na «*interior adega do Amado*» (cf. C 26).

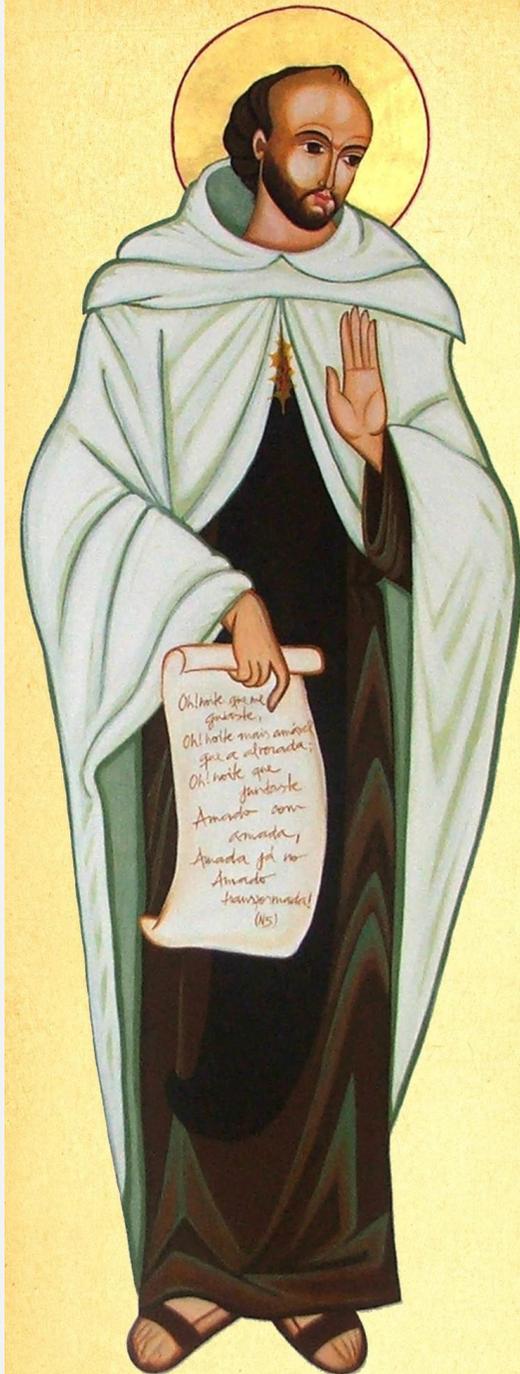
O amor não só é meta como é o meio para alcançar a santidade (o amor pleno) pois «*é no amor que as virtudes se reclinam e se conservam*» (C 24, 7) e «*para este fim de amor é que fomos criados*» (C 29, 3).



Há medida que crescemos nesta intimidade divina podemos chegar àquela união tão íntima com Deus que se dá no «*matrimónio espiritual, que é o beijo da alma a Deus*» (C 22, 8) para recebermos o «*abraço de Deus*» (C 40, 3).

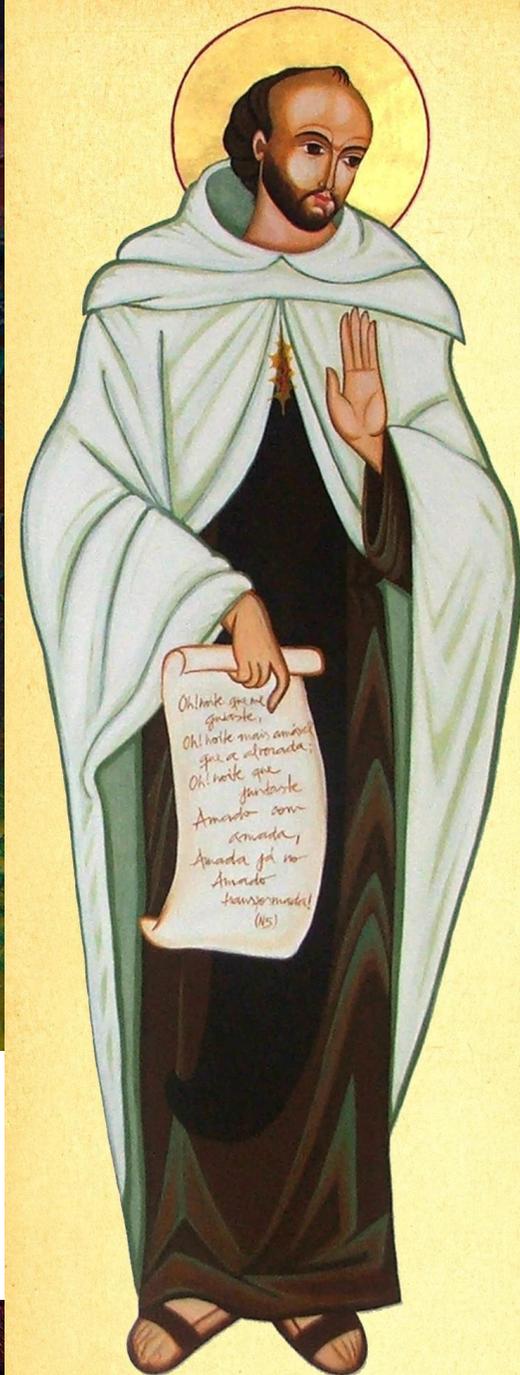
Fazer uma leitura orante do *Cântico Espiritual* de São João da Cruz, é tomá-lo como mestre, sabendo que a oração é um crescendo no desejo de identificação da alma com Deus até à visão beatífica com o Criador, que só se pode concretizar no amor, pois «*o fim de todas as coisas é o amor*» (C 38, 5).

**«Procurai lendo e encontrareis meditando. Chamai orando e abrir-se-vos-á contemplando.»** (DLA 157)



# SÃO JOÃO DA CRUZ

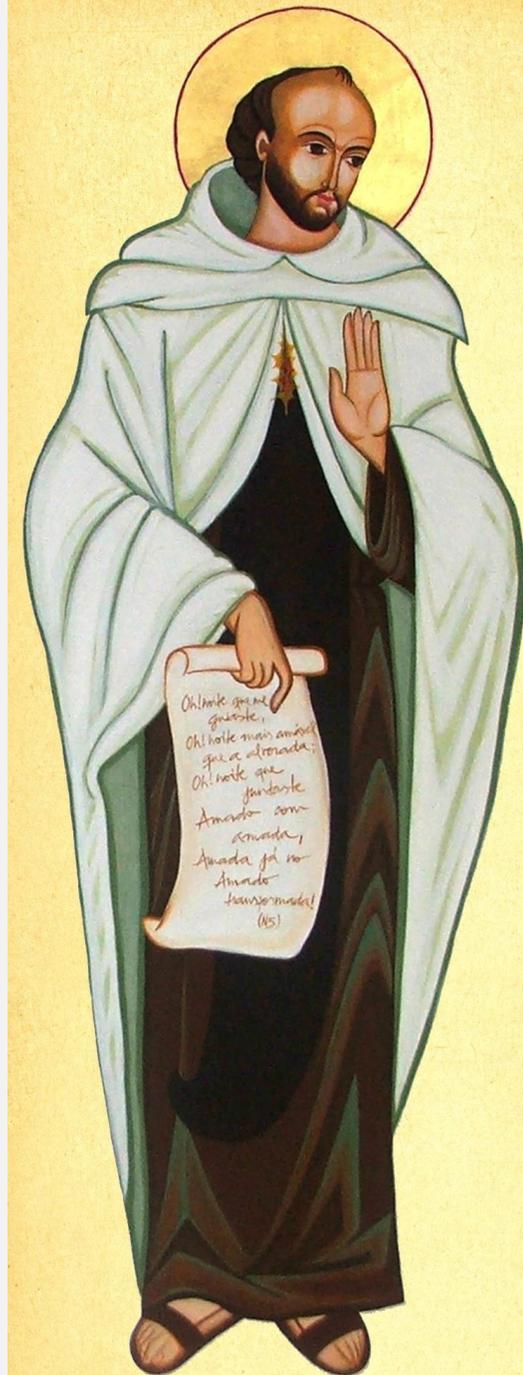
*OS DESENHOS  
DO SANTO*



Oh! não te queiras  
queiras,  
Oh! não te queiras  
queiras,  
Oh! não te queiras  
queiras,  
Amado com  
amada,  
Amada por  
Amado  
Amado  
(15)



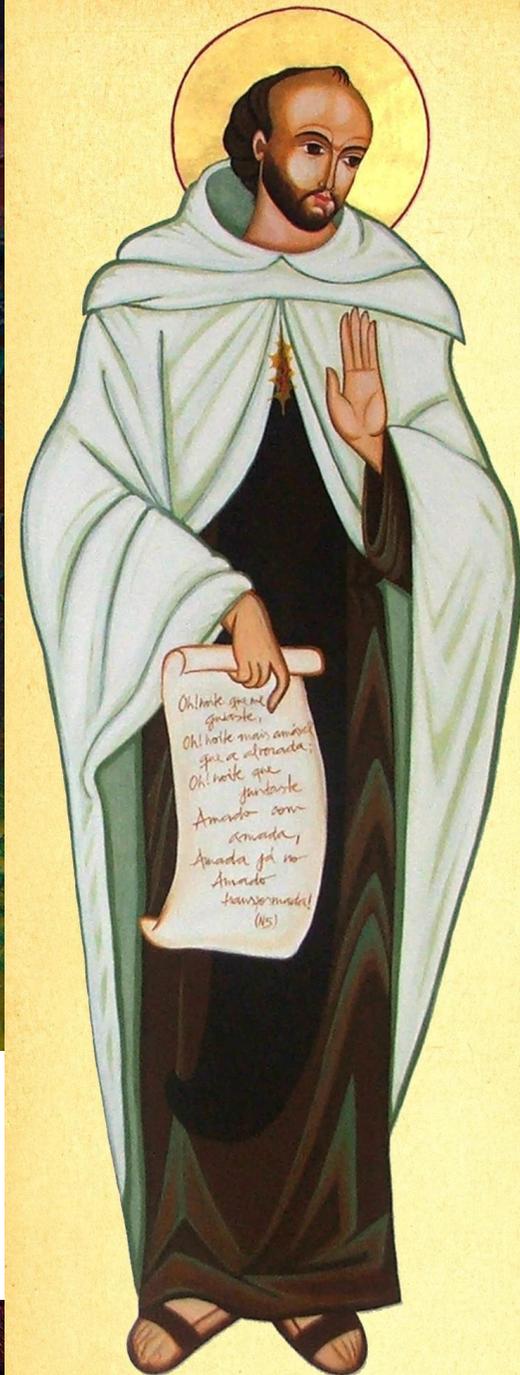
Cristo desenhado por São João da Cruz após uma visão que teve na Igreja do Convento da Encarnação, em Ávila. Ao lado, obra de Salvador Dali, inspirada no desenho de São João da Cruz.





# SÃO JOÃO DA CRUZ

*ORAÇÃO*



## Nosso Pai São João da Cruz

**Ant.** Pai\* aqueles que Me destes, quero que, onde Eu estiver, eles estejam também comigo. E que o Amor com que Me amastes esteja neles e Eu esteja neles também.

**V.** Sede meus imitadores.

**R.** Como eu o sou de Cristo.

### Oração

Senhor, que inspirastes a São João da Cruz, Nosso Pai, um extraordinário amor à Cruz e uma perfeita abnegação de si mesmo, concedei que, a seu exemplo, cheguemos à contemplação eterna da Vossa glória. Por Jesus Cristo Nosso Senhor.

**R.** Amen.

